

A SEMANA – 88

John Gledson

A discussão sobre as novas capitais dos Estados e do país, como sempre, suscita o ceticismo machadiano em face às mudanças artificiais, um certo apego à tradição, e, afinal, o seu amor pela cidade natal. O sujeito que assiste às sessões das câmaras para ver as brigas já surgira noutros momentos; faz parte da bagagem do Machado cronista. Para terminar, recorre de novo aos debates do Conselho Municipal, que refletem a obsessão com a higiene. Pode ser que o cansaço do cronista – “sinto cochilar a pena” – seja real, e a culpa seja realmente do calor. Ou é o efeito da falta de assunto, e da censura?



A SEMANA

28 de janeiro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Dizem que esta semana será sancionada a lei que transfere provisoriamente para Petrópolis a capital do Estado do Rio de Janeiro.¹ Já se trata da mudança; compram-se ou arrendam-se casas para alojar as repartições públicas. Com poucos dias, estará Niterói restituída às velhas tradições da Praia Grande. A escolha de Petrópolis fez-se sem bulha nem matinada, com pouca e leve oposição. Campos queria a eleição, Vassouras e Nova Friburgo apresentaram-se igualmente; mas Petrópolis é tão cheia de graça que não lhe foi difícil ouvir: *Ave, Maria; a assembleia é contigo; bendita és tu entre as cidades.*

Teresópolis, que tem de ser a capital definitiva, não verá naturalmente essa eleição com olhos quietos. Conhece os feitiços da outra, e receará que o provisório se perpetue. Bem pode ser que Vassouras, Campos e Nova Friburgo tivessem a mesma ideia, e daí os seus requerimentos. É mui difícil sair donde se está bem. Esperemos, porém, que o medo não passe de medo. Em verdade, Petrópolis ficará sendo uma cidade essencialmente federal e internacional, sem embargo dos aparelhos da administração complexa e numerosa de capital de Estado. Que fazer? Deixemos Pompeia a Diomedes e aos seus ócios.² O meu voto, se tivesse voto, seria por Niterói, não provisória, mas definitiva.

De resto, estamos assistindo a uma florescência de capitais novas. A Bahia trata da sua; turmas de engenheiros andam pelo interior cuidando da zona em que deve ser estabelecida a futura cidade. Sabe-se que Minas já escolheu o território da sua capital,

¹ Este assunto já se discutia há algum tempo, e Machado o comentava já na crônica de 22 de janeiro de 1893. A escolha de novas capitais estaduais corresponde em parte ao desejo de renovação do novo regime – imitação, certamente, dos Estados Unidos, onde muitos estados situam as capitais fora da principal cidade.

² A referência, sem dúvida, é a *The Last Days of Pompeii (Os últimos dias de Pompeia)*, de 1834, de Edward Bulwer-Lytton (1803-1874), romance muito popular até bem entrado o séc. XX. Na crônica de “Bons Dias!” de 21 de outubro de 1888, Machado chama-o (com certa ironia, talvez, pois parodia sua linguagem falsamente “antiga”) de “uma bela reconstrução da antiga vida elegante”. Nessa crônica, aparece Diomedes, um dos personagens do romance (Diomed, em inglês), um comerciante rico e *bon vivant*.

cuja descrição Olavo Bilac está fazendo na *Gazeta*.³ Chama-se Belo Horizonte. Eu, se fosse Minas, mudava-lhe a denominação. Belo Horizonte parece antes uma exclamação que um nome. Sobram na história mineira nomes honrados e patriotas para designar a capital futura. Quanto à nova capital da República, não é mister lembrar que já está escolhido o território, faltando só a obra da construção e da mudança, que não é pequena.⁴

Esta nova Carioca, ou que outro nome tenha ou mereça, ficará decapitada, como Niterói. Contentemo-nos com ser uma espécie de Nova York, aperfeiçoemos a nova Broadway, e não abramos mão da ópera italiana. Cá virão os deputados, por turmas, ouvir as sumidades líricas. Se já então estiver resolvido o problema da navegação aérea (dizem os jornais que Edison está em vias de resolvê-lo⁵) os deputados virão todos, depois de jantar, assistirão ao espetáculo, e voltarão no balão da madrugada para estarem presentes à sessão do meio-dia. Como viver, como legislar, sem música? Não me falem de telefones. O telefone transmite, ainda que mal, as vozes dos cantores e as notas da partitura, mas não transmite os olhos das prima-donas, nem as pernas dos pajens, papéis que, em geral, são dados a moças bem-feitas.

Que essa mudança de capitais seja um fenômeno político interessante, é fora de dúvida. Eu é que não entro nele, por não entender cabalmente de política. Nestes negócios, vou pouco além de um vizinho meu, homem quadragenário e discreto, que não tem profissão nem dinheiro, mas possui em grau altíssimo a vocação de público. Não perde sessão de câmaras. Atento e curioso, quando assiste a algum duelo de discursos, torna-se cheio de entusiasmo, se sobrevém uma saraivada de apartes, mas apartes fortes. Começado o exame do orçamento, cochila, e, se dura muito tempo, passa pelo sono. Os algarismos, o *deficit*, o saldo, a taxa agrária, o imposto industrial, o quilograma, o quilômetro, são outras tantas papoulas que lhe fariam cair as pálpebras. Mas não se fiem no sono do homem, acorda à primeira troca de palavras duras, tem para elas o olhar aceso e as orelhas escancaradas. Já uma vez deu palmas da galeria, com outros, obrigando o presidente da câmara dos deputados a repetir esta velha fórmula: *as galerias não podem manifestar-se*, e a não mandar pôr fora os manifestantes.

³ As quatro crônicas que Bilac (que neste momento estava exilado em Minas) dedicou à futura Belo Horizonte podem ser lidas no primeiro volume de *Bilac, o jornalista*, de Antonio Dimas, p. 58-70. A primeira é de 26 de janeiro.

⁴ Na constituição republicana de 1891, previa-se a mudança da capital do país para o planalto central. Em 1892, o governo de Floriano nomeou a Comissão Exploradora do Planalto Central, liderada pelo astrônomo e geógrafo belga Louis Ferdinand Cruls, que demarcou uma área, bem maior que a do atual Distrito Federal (mas na mesma região), chamado Quadrilátero Cruls, e apresentou seu relatório em 1894. Em 1º de junho desse ano, o relatório foi aprovado pelo ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, general Macedo da Fontoura Costallat, o mesmo que em novembro de 1894 escreveria uma carta pública a Machado elogiando sua atuação no ministério, e o “concurso que lhe prest[ou]”.

⁵ Thomas Edison (1847-1931), inventor, entre outras coisas, do fonógrafo e da lâmpada elétrica, era famosíssimo. Durante a década de 1890, houve várias tentativas de inventar uma máquina voadora, que não vingaram. É natural que surgissem boatos como este, aparentemente sem fundamento.

Falei em sono, e,⁶ sinto cochilar a pena. O calor não pede outra coisa, este calor tão grande e mortífero, que começa a meter medo aos mais animosos. O obituário sobe com ele; estamos já na casa dos setenta.⁷ Que melancólica semana!

Felizmente, trata-se de impor às casas que se construírem algum meio de ventilação, que minore tal flagelo. Esta semana assisti ao debate final da postura relativa à construção, e particularmente ao do art. 15, creio eu, que determina haja no forro das casas umas gregas para ventilação ou ventiladores especiais.⁸ Um membro do conselho municipal propôs que o artigo fosse ampliado, e apresentou emenda indicando um meio de ventilação, as *telhas higiênicas Nascimento*. “Com oito telhas dessas, disse o orador, tem-se um metro quadrado coberto, ao passo que das telhas comuns são necessárias quinze.” Assim, há uma economia de nove por cento. Não propôs que o uso das *telhas higiênicas Nascimento* fosse obrigatório, mas facultativo. O conselho aprovou a emenda.

Também eu aprovo, conquanto me pareça restritiva demais. Tenho um amigo, chamado Navarro, que estuda o assunto com afinco, e presume ter descoberto umas telhas higiênicas, ainda mais econômicas, pois apenas bastarão sete para cobrir um metro quadrado. Suponhamos, porém, que há ilusão no cálculo; basta que a economia seja igual. Pela redação da emenda ficam excluídas as *telhas higiênicas Navarro*. Não é justo. Eu proporia, se ainda fosse tempo, que se dissesse no artigo, depois da palavra *Nascimento*, estas: “ou outras quaisquer nas mesmas condições.” Também concordaria em restringir um pouco o texto, dizendo: “as telhas higiênicas Nascimento e as telhas higiênicas Navarro”,⁹ conquanto o Navarro ainda não haja chegado à publicação do invento, nem o faça tão cedo, ficava já com uma espécie de garantia provisória que seria definitiva no dia em que as telhas estivessem prontas. Convém animar as invenções; este Navarro pode vir a ser o nosso Edison.



⁶ Esta segunda vírgula consta da *Gazeta*. Aurélio a tira. Achamos interessante mantê-la por razões estilísticas.

⁷ Novamente, são os estragos da febre amarela.

⁸ No *Jornal do Commercio* do dia 23 de janeiro, vem citado este discurso, do sr. Pereira Lopes. Diz: “Me parece que não é fora de propósito aqui lembrar como meio de ventilação o emprego das *telhas higiênicas de Nascimento*, que, além da perfeição e da elegância, são muito conhecidas para os construtores”. Depois, vêm as palavras que Machado cita, seguidas destas: “Não digo que se faça obrigatória a aplicação ou o emprego destas telhas, mas podemos lembrá-las como um melhoramento higiênico nas edificações”. Claro que Machado não assistiu ao debate.

⁹ Essa vírgula não consta da *Gazeta*. Aurélio a acrescenta.